

Grécia e Roma no universo de Augusto

Ana Maria César Pompeu
Francisco Edi de Oliveira Sousa
(Orgs.)

IMPRESA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

ANNABLUME

TIBULO: ELOCUÇÃO NA ELEGIA I. 1 (Tibullus: Elocution on Elegy 1. 1)

MARIA HELENA AGUIAR MARTINS¹⁹⁰ (helena.ufc@gmail.com)
Universidade Federal do Ceará

RESUMO – No presente trabalho, pretendemos analisar a elocução do poema 1. 1 do *corpus tibullianum*. Já na Antiguidade, Álbio Tibulo (c. 55-19 a.C.) é admirado por seu estilo, considerado muito elegante, de forma perfeita e verso polido. Examinamos, portanto, a composição da primeira elegia de Tibulo a fim de demonstrar o labor que concede renome ao seu estilo, comparando-a com outros poemas extraídos do *corpus tibullianum*. Como exemplo, Tibulo utiliza a *dispositio* a fim de mimetizar o conteúdo. Além disso, seu primeiro poema é programático, uma vez que o poeta mostra o teor de sua vontade: uma vida tranquila junto a Delia. Neste estudo de elocução, ou, nas palavras de Olivier Reboul (1998), da “redação do discurso”, a literatura recorre à retórica; assim, utilizamos em especial como *corpus* analítico a *Retórica a Herênio* (primordialmente o capítulo 4), a obra de Quintiliano e o livro *Elementos de retórica literária*, de H. Lausberg. Além disso, também estudaremos como Tibulo relaciona seus textos com o imperador Augusto, mesmo sem diretamente mencionar seu nome. Com este trabalho, esperamos iluminar a requintada elocução de Tibulo e consequentemente contribuir com os estudos da relação entre literatura e retórica.

PALAVRAS-CHAVE – Tibulo 1. 1, elegia, retórica, elocução, Augusto.

ABSTRACT – In this paper I intend to analyse the elocution of Tibullus 1. 1. In Antiquity Albius Tibullus (55-19 B.C.) was admired for the elegance, perfection and polish of his style. Therefore I discuss the composition of Tibullus' first elegy in order to demonstrate the effort which grants his renowned style by comparing it with poems from the *corpus tibullianum*. For example, Tibullus uses the *dispositio* in order to mimic the content. Besides, Tibullus' first poem is programmatic, since the poet expresses his main desire: a quiet life with Delia. In this study of the elocution, Literature appeals to Rhetoric. Therefore I use as analytical *corpus* specially the *Ad Herennium* (primarily the chapter IV), the work of Quintilian and the reference book by H. Lausberg, *Handbook of Literary Rhetoric*. Besides, I also study how Tibullus relates his poems to the emperor Augustus, even without mentioning his name directly. Finally, I hope to illuminate the exquisite elocution of Tibullus and thus to contribute to future studies in Literature and Rhetoric.

KEYWORDS – Tibullus 1. 1, elegy, Rhetoric, elocution, Augustus.

¹⁹⁰ Maria Helena Aguiar Martins holds a Degree in Language from the Federal University of Ceará (2013). She is currently engaged at the same University in a Master's research on Latin Literature, more specifically on a rhetorical reading of Tibullus.

O poeta elegíaco latino Álbio Tibulo (c. 55-19 a.C.) foi muito apreciado e elogiado em seu tempo, especialmente pela elocução de suas elegias que encantava seus receptores. Como exemplo desses elogios, Ovídio, poeta contemporâneo de Tibulo, em seu *Amores* (3. 9. 1-8), afirma que a Elegia, personificada, chora a morte de Tibulo por perder um poeta muito lido e agradável a seus leitores:

Memnona si mater, mater ploravit Achillem,
et tangunt magnas tristia fata deas,
flebilis indignos, Elegia, solue capillos!
a, nimis ex uero nunc tibi nomen erit! –
ille tui uates operis, tua fama, Tibullus
ardet in extracto, corpus inane, rogo.
ecce, puer Veneris ferte uersamque pharetram
et fractos arcus et sine luce facem.

Se Mêmnon, sua mãe o chorou, se a mãe chorou Aquiles,
e tristes destinos comoveram as grandes deusas,
arranca os cabelos que tal não merecem, o chorosa Elegia!
Ah, por demais verdadeiro é o nome que tens!
O famoso poeta que trouxe glória ao teu gênero, Tibulo,
arde, cadáver inanimado no cimo de uma pira.
Eis virada do avesso a aljava do filho de Vênus
e o arco quebrado e o facho sem luz.¹⁹¹

Também em *Tristia* (5. 1. 15-18), Ovídio revela o quanto Tibulo é apreciado, bem como elogia seu *ingenium*:

Delicias siquis lasciuaque carmina quaerit,
praemoneo, non est scripta quod ista legat.
Aptior huic Gallus blandique Propertius oris,
aptior, ingenium come, Tibullus erit.

Se alguém procura delícias e versos lascivos,
Aviso, este não é escrito para ser lido.
Galo é mais apto para isto, e Propércio é mais apto com boca lisonjeira,
Tibulo, com seu *ingenium* elegante, é melhor.¹⁹²

Exaltado nesse poema, o *ingenium*, no âmbito da linguagem retórica, é uma das três qualidades “espirituais” de um bom orador, escritor ou poeta¹⁹³; corres-

¹⁹¹ Tradução de Carlos Ascenso André (Ovídio 2011: 194).

¹⁹² Quando não houver autoria alheia indicada, as traduções do latim são nossas.

¹⁹³ Cf. Lausberg 1960: 435.

ponde a um dom natural que não pode ser substituído nem pela arte (*ars*), nem pela imitação (*imitatio*); a atividade do *ingenium* consiste na *inuentio* (invenção), a qual é a descoberta de coisas verdadeiras ou verossímeis que tornem a causa provável¹⁹⁴, em outras palavras, é um processo produtivo-criador que consiste em extrair as possibilidades de desenvolvimento das ideias contidas nas *res*¹⁹⁵. Destarte, Tibulo é elogiado aqui pela capacidade de elaboração das ideias dos assuntos a serem tratados em seu poema.

Além de Ovídio, Quintiliano também elogia Tibulo, atribuindo-lhe elegância e polidez formal (*Institutio oratoria* 10. 1. 93):

Elegia quoque Graecos prouocamus, cuius mihi **tersus** atque **elegans** maxime uidetur auctor **Tibullus**. Sunt qui Propertium malint. Ouidius utroque lasciuior, sicut durior Gallus.¹⁹⁶

Nós também desafiamos os gregos na elegia, da qual Tibulo parece-me o mais polido e elegante autor. Há os que preferem Propércio. Com relação a esses dois, Ovídio é o mais lascivo; enquanto Galo é mais grave.

Tibulo também foi comparado a Ovídio por Veleio Patérculo (séc. I d.C.), que o insere entre os poetas eminentes da época de Augusto e o julga perfeitíssimo quanto à forma de sua obra (*História Romana* 2. 36):

Paene stulta est inhaerentium oculis ingeniorum enumeratio, inter quae maxime nostri aevi eminent princeps carminum Vergilius Rabiriusque et consecutus Sallustium Liuius **Tibullus**que et Naso, **perfectissimi in forma operis** sui.

É insensatez a enumeração (dos homens) de *ingenium* que estão sob nosso olhar, dentre os quais os mais importantes em nossa época são Virgílio, o primeiro dos poetas, Rabírio, Lívio, consecutivo de Salústio, Tibulo e Naso, excelentíssimos na forma de seus gêneros.

O termo *forma* aqui referido, no contexto retórico, remete à elocução, ao agenciamento de palavras (*dispositio*), a figuras que o poeta utiliza a fim de conceder elegância ao texto (Cíc. *Or.* 206). Os preceitos da *elocutio* buscam engendrar uma formulação perfeita, explicada por Aristóteles (1404b, 1414a), e relacionada à correção da linguagem e à clareza do texto.

O que haveria na elocução de Tibulo que lhe rendesse tantos elogios? O presente trabalho tem como objetivo o levantamento de elementos de elocução e disposição utilizados por Tibulo em sua primeira elegia a fim de ilustrar seu estilo

¹⁹⁴ Cf. *Retórica a Herênio* 1. 3.

¹⁹⁵ Cf. Lausberg 1960: 235.

¹⁹⁶ Os destaques nos textos citados são nossos.

reputado elegante e polido. Também pretendemos analisar de que forma o poeta pode ser inserido entre os poetas da era augustana.

Tíbulo nasceu em Gábios, perto de Roma, em uma família equestre e supostamente era abastado. O poeta tinha como patrono Valério Messala Corvino (c. 64-8 a.C.), um notável orador e político de Roma, devotado às artes. Sua obra integra o chamado *corpus tibullianum*, uma recolha de poemas escritos por poetas elegíacos pertencentes ao círculo de Messala que se encontra dividida em três livros: no primeiro, composto a partir de 32 e publicado provavelmente em 27 ou 26 a.C., há 10 poemas, dos quais cinco (1, 2, 3, 5 e 6) são dedicados a Délia, uma mulher casada, três a um jovem de nome Márato (4, 8 e 9) e dois a Messala (7 e 10); no segundo livro, composto entre 24 e 19 a.C. e publicado após a morte do poeta, há 6 poemas, dos quais três são dedicados a Nêmesis (3, 4 e 6) e um ao filho de Messala, Messalino (5); o terceiro reúne poemas de estilo semelhante ao de Tibulo, mas supostamente de outros autores.

Desse *corpus*, analisaremos os elementos de elocução utilizados pelo poeta no poema 1. 1, a fim de confirmar os inúmeros elogios direcionados à requintada forma de escrever de Tibulo.

Primeiramente, Sobre a elocução, Olivier Reboul (2004: 61) a define como a “redação do discurso”, própria do orador; também afirma que a elocução é o ponto em que a retórica encontra a literatura e que o primeiro problema da elocução para os antigos é o da correção linguística. Correção e beleza, para os antigos, não eram separáveis, por isso o orador precisava escolher as palavras de uma forma que fugisse ao arcaísmo, bem como ao neologismo, além de utilizar metáforas e outras figuras, fazendo com que o texto fosse o mais claro possível. Richard A. Lanham (1991: 62) define elocução como sendo a palavra latina para “estilo” (“The Latin term for Style, the third of the five parts of rhetoric”). Estilo seria o resultado particular do trabalho com a elocução, a forma como o poeta labora a elocução para formar seu texto. Através do estilo, podemos reconhecer um escritor. Assim, discutiremos elementos de elocução que Tibulo utilizou para compor seu estilo.

Em relação aos elementos de elocução utilizados pelo poeta, Tibulo faz uso de muitas figuras de palavras e de mimese de conteúdo. Figura – *schêma* (Quint. 9. 1. 14) – é definida como *figura sit arte aliqua nouata forma dicendi*. Portanto, são elementos utilizados a fim de conceder elegância ao texto, pois o diferenciam da maneira cotidiana e comum de falar. Ademais, Tibulo foi pioneiro ao introduzir o maneirismo grego helenístico, chamado *uersus echoici*, na poesia romana¹⁹⁷. O *uersus echoici* acontece de duas formas: ou o começo do hexâmetro é repetido no fim do pentâmetro (como no em *Pieridas, pueri, doctos et amate poetas/ aurea Nec superent munera Pieridas* (1. 4. 61-62)), ou a primeira palavra do pentâmetro

¹⁹⁷ Cf. Maltby 2002: 68.

repete-se na segunda metade do verso, com a partícula *-que* unindo a sentença e concedendo uma impressão de eco ao verso (como em *despiciam dites despiciamque famem* (1. 1. 78) ou em *deficiunt artes deficiuntque doli* (1. 4. 82), ou ainda em *candidior semper candidiorque ueni* (1. 7. 64), e por fim *caespitibus mensas caespitibusque torum* (2. 5. 100)).

O contexto em que o poeta viveu influencia sua escrita. Tibulo escreveu sob o império de Augusto, período em que a limitação da liberdade (que havia durante a República) influenciou a composição literária; nos textos de muitos poetas elegíacos romanos, podemos perceber um caráter epicurista, com a valorização da liberdade, da vida simples, campesina, longe das guerras e com a recusa de riquezas. De acordo com Donncha O'Rourke (2012: 398), em seu artigo intitulado "Intertextuality in Roman Elegy", há paralelo entre o primeiro hexâmetro do poema 1. 1 de Tibulo ("*diuitas alius fuluo sibi congerat auro*") e a evocação da máxima epicurista de Lucrecio em relação aos efeitos maléficos do ouro para o desenvolvimento da sociedade: "riqueza (*diuitae*) em grande quantidade existe para que um homem viva frugalmente (*uiuere parce*) com mente equilibrada; pois nunca há pobreza (*penuria*) do que é pouco. Mas os homens queriam ser famosos e poderosos ... que sendo ricos eles poderiam ser capazes de passar uma vida tranquila (*placidam ... degere uitam*)" (5. 1118-22).

Entretanto, o poema 1. 1 também tangencia o pensamento estoico, especialmente nessa passagem de Cícero (*De Officiis* 1. 151): "de todas as formas de arrecadar dinheiro, nenhuma é melhor ou mais satisfatória que a do homem do campo, nem mais produtiva ou melhor para um homem livre". Porém, Cícero não se refere ao lavrador, mas ao dono da fazenda, possuidor de grandes terras e escravos para trabalharem nela. Tibulo imagina-se trabalhando nas plantações de vinho e procurando animais perdidos porque, na época, havia uma romantização do campo como refúgio das complexidades da vida moderna¹⁹⁸.

Essa corresponderia à época áurea da literatura latina. O progresso e a ornamentação de Roma também estimularam o progresso na literatura. A poesia de Tibulo reflete essas questões, das quais perceberemos traços, em especial, na análise da elegia 1. 1.

Outra característica relevante relacionada aos poetas da era augustana é o fato de que, como os poetas helenísticos, tinham tendência a fazer ponte com a sociedade do passado. Cairns (1979: 13) ressalta que a poesia augustana, como a poesia helenística, também reproduziu o sentimento de satisfação pela herança do passado. Também aponta que talvez por essa razão encontremos arcaísmo religioso em 1. 1: objetos rústicos de reverência, como *stipes* e *lapis* (11), o *agricola deus* (14), a dedicação de uma *corona spicea* para Ceres (15), a instalação de uma figura de *Priapus* (17) e o festival do campo para os deuses (37). Por fim, Cairns

¹⁹⁸ Cf. Lee 1974: 100.

(1979: 14) compara o poema programático 1. 1 de Tibulo com um poema do fim do quinto século a.C., de Choerilus, no qual o poeta fala sobre o sentimento de saudade pelo passado.

A reverência de Tibulo para com elementos rurais tratados como deuses antigos está em consonância com o desejo de Augusto de ressuscitar a religião, e o campo constituía uma imagem do último reduto de piedade (noção também cultivada por Virgílio, nas *Geórgicas*). Houve uma restauração religiosa na segunda metade do século, e em 28 a.C. Augusto reconstruiu 82 templos na cidade¹⁹⁹. Diante disso, se por um lado Tibulo mostra-se a favor da vida campesina e tranquila, negando a vida de soldado (e com isso critica Augusto), por outro lado o poeta faz uma apologia do desejo de Augusto de restauração da *pietas* romana.

Apesar do caráter epicurista no poema, o fato de atribuir religiosidade a coisas como *spicea* ou *corona* entra em contradição com o pensamento de Lucrécio, quando este escreve (5. 1198-1199): *nec pietas ullast uelatum saepe uideri / uertier as lapidem* – “não há piedade alguma em se mostrar frequentemente de cabeça velada, em se voltar para uma pedra”²⁰⁰).

Em 1. 1, Tibulo representa uma gama de emoções: contentamento sereno com seu modo de vida, reverência pia aos deuses, nostalgia pelo ideal do passado, satisfação calma pelos prazeres do amor, horror à guerra e picante combinação de antecipação da morte e aceitação ansiosa dos prazeres da juventude (v. 57-64).

Apesar de sua censura à guerra (*psógos polémon*), em 2. 1 Tibulo transforma seu patrono Messala em uma entidade semidivina – e não menciona Augusto²⁰¹ – (v. 31-36):

sed **'bene Messallam'** sua quisque ad pocula dicat,
nomen et absentis singula uerba sonent.
gentis Aquitanae **celeber Messalla** triumphis
et magna intonsis gloria uictor auis,
huc ades **aspira**que mihi, dum carmine nostro
redditur agricolis gratia caelitibus.

Mas que cada um diga com seus copos “saúde Messala!”
E o nome do ausente ecoe em cada palavra.
Messala celebrado pelos triunfos na Aquitânia,
Grande vencedor, glória para os austeros ancestrais,
Venhas a mim aqui, inspira-me, enquanto com meu verso
Dou graças aos deuses dos campos.

¹⁹⁹ Cf. Lee 1974: 101.

²⁰⁰ Tradução de Agostinho da Silva (Lucrécio 1973: 238).

²⁰¹ Para Cairns (1979: 44), isso revela que a atitude de Horácio, Virgílio e Propércio em relação a Augusto consistiria no desejo de manter-se fiel ao espírito da época e ao sistema de clientelismo romano.

Enquanto no primeiro livro o poeta enxergava a vida no campo como a única forma de vida tranquila e uma forma pessoal de fuga, no livro 2 o campo é a única fonte de paz e segurança para toda a comunidade. Com esse poema podemos comparar a modalidade pública *versus* o interesse privado. Tibulo compara sua vida tranquila com a do patrono soldado e o louva com sinceridade, a despeito da sua falta de interesse pelos assuntos bélicos.

Portanto, é perceptível o teor epicurista no poema 1. 1 de Tibulo, principalmente se o cotejamos com textos dessa doutrina, como este de Lucrecio (5. 1117-1119): *Quod siquis ueram uitam ratione gubernet/ diuitiae grandes homini sunt uiuere parcel aequo animo, neque enim est umquam penuria parui*: “pois se governasse a vida verdadeira com raciocínio, há grandes riquezas para o homem viver frugalmente, com ânimo tranquilo. De fato, nunca há penúria de pouco”.²⁰²

É problemática, por fim, a suposta contradição entre o caráter epicurista dos poemas de Tibulo e sua defesa da *pietas* romana e da restauração da religiosidade, como queria Augusto. Além disso, haveria outras contradições: um caráter *urbanus* com desejo de *rusticitas*; uma religiosidade devotada aos deuses do campo e o sensualismo devotado à *puella* da cidade; o respeito pelos ancestrais e pela tradição, não obstante a rejeição do código de classe por colocar o amor acima da honra; disciplina e precisão de artesão contra o sonhador manipulado pelas emoções; um “romântico” que se vê resgatando pequenos animais e detesta ver uma mulher chorar, mas constitui sua luxúria por imaginar as lágrimas dela sobre seu corpo moribundo²⁰³.

Após essa breve reflexão a respeito da obra de Tibulo no seio do período augustano, examinemos a elocução da elegia 1. 1 com base em tratados de retórica. O poema 1. 1 caracteriza-se como um texto pastoril de caráter epicurista. O poeta afirma não querer riquezas, muito menos se provenientes de espólios de guerra; defende a vida calma campesina, bem como viver dos produtos que ele mesmo planta e, acima de tudo, ao lado de Délia, sua amada. O poema se divide em duas partes principais: na primeira (v. 1-40), Tibulo mostra que o fato de ser soldado a fim de buscar riquezas é rejeitado em benefício da vida simples e tranquila no campo; na segunda parte (v. 53-74), o poeta demonstra que o fato de ser soldado em busca de glória é rejeitado em benefício da vida a serviço do amor. O ideal de vida da *persona* do poeta nesse poema é a *paupertas*, ou seja, viver com o suficiente, sem excedente.

Dos tratados de retórica gregos e romanos que nos chegaram, o mais significativo no que tange à ornamentação do discurso é a *Retórica a Herênio* (texto de autoria incerta composto nos primeiros anos do século I a.C.). A elocução é apresentada no livro 4 desse tratado; em relação a seus preceitos, foi dividida em

²⁰² Cf. Lee 1974: 99.

²⁰³ Cf. Lee 1974: 110.

duas partes: a primeira aborda os gêneros de elocução; a segunda, meios para alcançar uma *elocução* conveniente (aos propósitos e às partes do discurso) e perfeita. Na primeira parte, os gêneros (*figurae*) são apresentados e exemplificados: são eles o elevado (*gravis figura*), o médio (*mediocris figura*) e o simples (*extenuata/adtenuta figura*); há ainda possíveis vícios em cada gênero, que devem ser evitados. Na segunda parte, o autor aponta três qualidades em relação à elocução que um bom orador deve ter: elegância (*elegantia*), equilíbrio arranjado de palavras (*compositio*) e beleza (*dignitas*). A elegância está relacionada a dois aspectos: um correto emprego da língua latina (*latinitas*) e a clareza (*explanatio*). Essa teoria é fundamental para o exame da elocução de Tibulo.

Dessa forma, convém relembrar os testemunhos dos antigos que elogiam o estilo de Tibulo, colocando-o muitas vezes como o primeiro ou como o mais polido e elegante (*tersus atque elegans*) dentre os elegíacos latinos. Para Ovídio, por exemplo, Tibulo é *cultus* (*Amores* 1. 15. 28; 3. 9. 66) e de *ingenium come* (*Tristitia* 5. 1. 18). Tibulo mesmo se declara *doctus* (1. 6. 61): *Pieridas, pueri, doctos et amate poetas*²⁰⁴. Os adjetivos utilizados pelos antigos e pelo próprio Tibulo são palavras específicas relacionadas à elocução e ao estilo, além de já predizerem o caráter de sua obra: *doctus/doctrina* refere-se ao conhecimento que o poeta deve ter para ser claro em seu poema; *tersus* e *cultus* referem-se ao labor do poeta sobre seus poemas, portanto, a forma que ele labora sobre a forma para que ela seja consonante com o seu conteúdo.

A fim de atingir nossos objetivos, destacaremos as figuras de elocução e disposição elogiadas pelos poetas antigos, utilizadas por Tibulo nos respectivos versos em que se encontram.

Com relação às ornamentações por figuras de palavras, temos anáforas nos versos 59 e 60; 63 e 67; 70 e 71. A anáfora pertence ao grupo *figurae per adiectionem*²⁰⁵; e, para a *Retórica a Herênio* (4. 19), *haec exornatio cum multum uenustatis habet tum grauitatis et acrimoniae plurimum*. Também encontramos apóstrofe nos versos 15, 18, 20 e 47. No verso 4, há sinédoque, quando o poeta, para falar da guerra, a reduz à trombeta marcial: *martia cui somnos classica pulsa fugent*.

No verso 78, encontramos uma *repetitio* do tipo parênteses (...x/x...), classificada por H. Lausberg (1960: 102) como *reduplicatio: dites despiciam despiciamque famem*. Ainda segundo Lausberg (1960: 97), a repetição também pertence ao grupo *figurae per adiectionem*. A fim de enfatizar seu desprezo pelas pessoas que acumulam riquezas, bem como mostrar que despreza a fome, pois tem o que precisa sem a necessidade de acumular espólios de guerra, ele repete o mesmo verbo (*despiciam*), quando seria lícito somente utilizar um verbo e a conjunção *et* para ligar os substantivos *dites* e *famem*.

²⁰⁴ Cf. Cairns 1979: 5.

²⁰⁵ Lausberg 1960: 108.

Uma das figuras que mais encontramos no poema de Tibulo é o verso áureo, o qual acontece quando o poeta dispõe os substantivos de um lado e os adjetivos de outro, em geral com a formação abvAB. Temos verso áureo nos versos 21, 22 e 47. Vejamos a estrutura do verso 47: *Aut, gelidas (a) hibernus (b) aquas (A) cum fuderit Auster (B)*. *Gelidas (a)* é adjetivo de *aquas (A)*, enquanto *hibernus (b)* é adjetivo de *Auster (B)*. Apesar de o verbo não aparecer entre a divisão dos substantivos e adjetivos, no caso acima, ainda pode ser considerado verso áureo. Outros poetas também mudam a posição central do verbo ou mesmo adicionam palavras além dos dois substantivos, dois adjetivos e verbo central que compõem o verso áureo. Winbolt (1903: 221) apresenta a definição de verso áureo e suas variações e as exemplifica com versos de poetas romanos, dentre eles, Virgílio: *Silvestrem (a) tenui (b) musam (A) meditaris (v) avena (B)* (*Buc.* 1. 2).

Outra construção recorrente é o quiasmo, uma figura de linguagem na qual os elementos são colocados de forma cruzada, por exemplo: num verso, o substantivo é colocado junto de um adjetivo relacionado a outro substantivo, caracterizando a formação ABba. O nome quiasmo advém da letra grega *χθ*. Encontramos quiasmo nos versos 2, 7, 8, 10 e 12. Eis um exemplo (1. 1. 2): *Et teneat culti (a) iugera (B) multa (b) soli (A)*. Aqui, temos a formação em X característica do quiasmo, pois *soli* é substantivo (A), *multa*, adjetivo que concorda com *iugera* (b); *culti* é o adjetivo que concorda com *soli* (a) e *iugera* é substantivo (B). Portanto, a formação do verso, visualmente, se constitui quando no centro se encontram juntos o adjetivo (b) e o substantivo (B). Isso também acontece no verso 8: *Rusticus et facili (a) grandia (b) poma (B) manu (A)*. Também há quiasmo num trecho do poema supracitado: *dites despiciam despiciamque famem*, pois os dois verbos encontram-se no meio da sentença, reforçando, assim, o desprezo do poeta pela fome, bem como pela riqueza.

Com relação à disposição (*dispositio*) das palavras, nos versos 49 e 50, quando ele diz que rico seja aquele que pode suportar o furioso mar e as tristes chuvas, a disposição das palavras parece mimetizar o conteúdo: *Hoc mihi contingat. Sit diues iure, furorem / Qui maris et tristes ferre potest pluuias*. Ao substantivo acusativo *furorem* segue o substantivo genitivo *maris* (o furor do mar), enquanto *tristes* concorda com *pluuias*. O poeta parece dispor as palavras como que formando uma onda para que a forma e o conteúdo estejam em consonância.

Também há mimese de conteúdo nos versos 57, 59, 61, 63 e 64:

Non ego laudari curo, mea Delia: tecum

dum modo sim, quaeso segnis inersque uocer.

Te spectem, suprema mihi cum uenerit hora,

te teneam moriens deficiente manu.

Flebis et arsuro positum me, Delia, lecto,

tristibus et lacrimis oscula mixta dabis.

Flebis: non tua sunt duro praecordia ferro

uincta, neque in tenero stat tibi corde silex.

Illo non iuuenis poterit de funere quisquam
lumina, non uirgo, sicca referre domum

Não me preocupo em ser louvado, minha Délia: contigo
Contanto esteja, peço que seja chamado inerte e preguiçoso.
Que eu te olhe, quando a suprema hora vier a mim,
Eu segure, morrendo, a ti com mão deficiente.
Chorarás e em mim posto no leito ardente, Délia,
Darás beijos misturados a tristes lágrimas.
Chorarás: teu peito não está com ferro
Vencido, nem há em teu peito tenro pedra.
Nenhum jovem poderá daquele funeral
Com os olhos secos, nem virgem, voltar para casa.

As três palavras finais do primeiro verso desse trecho produzem uma leitura à parte: *mea Delia: tecum...* “contigo, minha Délia”. Com essa disposição, o poeta mostra, logo no início da passagem, o teor de sua vontade. Parece-nos uma imagem dele ao lado dela, com ela. Para não deixar dúvidas de que se trate de um procedimento elaborado, esse recurso de *dispositio* é refeito no verso 61: *me, Delia* (o poeta ao lado dela).

Ainda a respeito da mimese de conteúdo, podemos retirar três exemplos do trecho acima. Em *suprema mihi cum uenerit hora*, ele (*mibi*) é envolvido pela morte (*suprema* e *hora*). Em *et arsuero positum me, Delia, lecto*, a imagem que temos é a dele (*me*) e de Délia posicionados, lado a lado, no meio do leito. Finalmente, em *non tua sunt duro praecordia ferro / uincta*, o coração dela é amarrado com o duro ferro: as palavras *tua praecordia uincta* entrelaçadas pelo duro ferro (*duro ferro*).

Tíbulo, como foi visto com a análise do estilo de seus versos, possuía admirável *ingenium* em relação à composição de seus versos, através do uso de elementos de ornamentação e estilo refinados, a fim de transformar sua poesia em música, com seus dísticos ritmados, e principalmente em imagem, com sua disposição cuidadosamente elaborada. Não é estranho, portanto, que sua elocução fosse tão apreciada e elogiada na Antiguidade. Estranheza maior é “não ser conhecido” ou estudado ainda mais nos tempos modernos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Cairns, F (1979), *Tibullus. A Hellenistic poet at Rome*. Cambridge.
- Dominik, William; Hall, Jon (2007), *A companion to Roman rhetoric*. Malden.
- Lanham, Richard A. (1991), *A hand list of rhetorical terms: a guide for students of English literature*. London.
- Lausberg, Heinrich (1960), *Elementos de Retórica Literária*. Trad. de R. M. Rosado Fernandes. 2.^a Ed. Lisboa.
- Lee, Guy (1974), “*Otium cum indignitate*, Tibullus 1. 1”, in W. Tony & W. David (ed.), *Quality and Pleasure in Latin Poetry*. Cambridge, 94-114.
- Lucrecio (1973), *Da natureza*. Tradução e notas de Agostinho da Silva. São Paulo.
- Maltby, R. (2002), *Tibullus: elegies. Text, introduction and commentary*. Cambridge.
- Ovídio (2011), *Amores & Arte de Amar*. Tradução, introduções e notas Carlos Ascenso André; prefácio e apêndices Peter Green. São Paulo.
- Quintilianus, M. Fabius (1970), *Institutiones oratoriae libri duodecim*. Edited by M. Winterbotton. Oxford.
- Reboul, Oliver (2004), *Introdução à Retórica*. São Paulo.
- Retórica a Herênio* (2005). Tradução e introdução por Ana Paula Celestino Faria e Adriana Seabra. São Paulo.
- Winbolt, S. E (1903), *Latin Hexameter Verse: An Aid to Composition*. London.